

1.

Introdução

Essa capacidade de selecionar o verdadeiro, qualquer que seja em mim, e esse humor livre, de não sujeitar facilmente minha convicção, devo-os principalmente a mim mesmo; pois as idéias mais firmes e gerais que tenho são as que, por assim dizer, nasceram comigo. São naturais e totalmente minhas. Produzi-as cruas e simples, numa produção ousada e forte, mas um tanto confusa e imperfeita; em seguida estabeleci-as e fortifiquei-as com a autoridade alheia e com os saudáveis discursos dos antigos, com os quais me vi coincidindo em julgamento: eles me garantiram a consistência delas e deram-me sua posse e gozo mais integral. (Montaigne, *Da presunção* II, 17)¹

O elogio da glória, ligado à valorização dos grandes feitos, ditos e realizações dos homens (entendida sob uma perspectiva bem ampla, que abrangia desde as ações heróicas no domínio da guerra e da vida política às grandes criações artístico literárias) foi tema freqüente na literatura moral e política da Antigüidade assim como do humanismo, a partir da reflexão de autores como Petrarca e Coluccio Salutati. Essa tradição tinha como pressuposto a idéia de que a conquista de fama imortal era marca externa da virtude e expressão da realização mais perfeita da excelência humana. O tema e os valores a ele ligados também apareceram nos *Ensaio*s de Montaigne; ele o abordou à sua própria maneira ao longo da obra, não apenas no capítulo do segundo livro que lhe dedicou especialmente. Nos ressurgimentos e recorrências dessa questão nos *Ensaio*s, Montaigne afirmou freqüentemente uma visão crítica, enfatizando uma concepção negativa da glória, com que contrapôs-se aos valores da tradição clássica e humanista, pautada na confiança nas potencialidades da razão humana e no estímulo à sua ação criativa. Como veremos em nossa leitura do ensaio *Da glória*, segundo ele, era um erro concebê-la como marca da virtude, pois era o orgulho e a presunção humana que a motivavam. De sua perspectiva, inspirada

¹ “Cette capacité de trier le vray, quelle qu’elle soit en moy, et cett’humeur libre de n’assubjectir aisément ma creance, je la dois principalement à moy: car le plus fermes imaginations que j’aye, et generalles, sont celles qui, par maniere de dire, nasquirent avec moy. Elles sont naturelles et toutes miennes. Je les produisis cruas et simples, d’une production hardis et forte, mais un peu trouble et imparfaicte; depuis je les ay establies et fortifiées par l’authorité d’autruy, et par les sains discours des anciens, ausquels je me suis rencontré conforme en jugement: ceux-là m’en ont assuré la prinse, et m’en ont donné la jouyssance et possession plus entiere.” MONTAIGNE, *Ensaio*s, II, 17, p. 658.

nos preceitos da sabedoria helênica, a glória era antes um dos mais graves vícios: sinal inequívoco da insensatez dos homens. A reincidência desse tema, assim, possibilitando um diálogo com os valores ligados ao ideal humanista da *dignidade humana*, promovia também um rico contraponto, no interior do qual se revelavam as próprias idéias de Montaigne em sua atitude de desconfiança em relação às potencialidades da razão e em sua aversão natural a qualquer espécie de vaidade e presunção.

A crítica da glória assim, operava também no sentido de consolidar e de destacar um significado ético positivo à sua decisão da renúncia aos cargos públicos a partir de 1571, aos 38 anos de idade. De fato, tratava-se de conduta bastante incomum para um membro da nobreza togada da França, à qual cabia ocupar as mais altas posições no âmbito da administração pública e ampliar seu renome. À diferença de seus contemporâneos, profundamente engajados nos negócios do mundo e empenhados na realização de grandes feitos, Montaigne se entregava então, ainda em posse de suas forças, a uma vida retirada na biblioteca de seu castelo, dedicada à sua própria tranquilidade.

Seguia então a velha tradição moral e intelectual do *otium cum litteris*; do elogio à dignidade da reclusão letrada que teve em Petrarca um de seus mais ilustres representantes no Renascimento. Mas, como afirmou repetidas vezes nos *Ensaio*s, não escolhera esse caminho pelos mesmos motivos que os autores da época que haviam abandonado os negócios do mundo a fim de conquistar uma celebridade imortal pela grandeza de seus escritos e pela sua sabedoria. De fato, isso Montaigne afirmou já na primeira página de seu livro, na *Advertência ao leitor*, em que, conforme declarou, ao invés de guiar-se pela aprovação dos outros e obter seus aplausos, escrevera seus *Ensaio*s somente para retratar-se em sua maneira mais simples e privada: “Quero que me vejam aqui em minha maneira simples, natural e ordinária, sem apuro ou artifício: pois é a mim que pinto.”² Afirmando assim não ter a admiração pública como objetivo - não podendo ostentar grandes dotes artísticos e literários, pelos quais os autores de seu tempo conquistavam a glória - Montaigne objetivava também o preceito em que se baseava sua empresa do autorretrato. Ou seja, de adequar-se à sua própria razão de preferência a agir como os ambiciosos, que se afastavam cada vez mais de sua

² “Je veus qu'on m'y voie en ma façon simple, naturelle et ordinaire, sans contention et artifice: car c'est moy que je peins.” Idem, *Advertência ao leitor*, p. 3.

razão, subordinando sua conduta à opinião alheia, deixando-se arrastar por suas paixões.

Acreditando na relevância desse tema no interior da meditação de Montaigne e nos modos de autoafirmação de suas escolhas - no diálogo que seu discurso estabelecia com as tópicos mais recorrentes ligadas ao elogio da glória nas obras clássicas e humanistas - o tomamos como ponto de partida e cerne dessa nossa reflexão acerca do autorretrato, do pensamento original que o movia e que articulava sua forma nos *Ensaio*s. Através da análise dos percursos da crítica de Montaigne no ensaio *Da glória* e da maneira como ela se transformava e se estendia ao ensaio seguinte *Da presunção*, em que tomou a si mesmo por tema, procuraremos examinar sua postura filosófica à luz da consolidação de sua perspectiva negativa sobre a glória.³ Nossa leitura dos dois capítulos, portanto, será orientada pela ênfase no modo como seus temas e discussões – da crítica das ambições do mundo e da pintura de si - se correspondiam, formando uma meditação contínua na qual o discurso de Montaigne declarava sua própria originalidade⁴ em relação às obras da época.

³ Discordamos do que pensa Pierre Villey para quem o projeto do autorretrato afirmado na *Advertência ao leitor* exprime apenas a concepção que Montaigne tinha de seus *Ensaio*s à época de sua publicação em 1580. O conteúdo da *Advertência* assim em sua declaração fundamental, “*c'est moy mesme la matière de mon livre*”, não poderia ser levado em conta tanto para os primeiros capítulos, escritos por volta de 1572 quanto para os capítulos posteriores, de 1588. Segundo essa perspectiva eram exclusivamente os capítulos escritos entre 1578 e 1580 que se adequariam à declaração da *Advertência*. Entre eles, por exemplo, *Da educação das crianças*, *Da afeição dos pais pelos filhos*, *Dos livros* e *Da presunção* nos quais Montaigne nos expõe seus gostos e humores, extrai ensinamentos gerais de suas experiências, ou pinta mais propriamente sua imagem, em seus traços físicos e morais. Villey, P., *Les Essais*, 82. Adotamos aqui de preferência a posição sustentada por Andre Tournon, da necessidade de levar a sério o conteúdo da *Advertência ao leitor* e o projeto do autorretrato como informando a totalidade dos *Ensaio*s e não apenas os capítulos em que Montaigne se representa em sentido estrito, falando de si mesmo. Com efeito, ele reitera esse desígnio de descrever-se desde os primeiros tempos, como podemos comprovar, por exemplo na leitura do capítulo *Da ociosidade* em que reconhece já o caráter original de sua escrita privada pelo fato de ter como objeto o registro das “*quimeres et monstres fantasques*” produzidos por sua imaginação sobre toda espécie de matéria. MONTAIGNE, idem, I, 9, p. 32. Assim, segundo Tournon, Montaigne na verdade se ‘dá a conhecer’ em cada uma de suas asserções, qualquer que seja o objeto de que trata, mesmo quando não diz nada sobre si mesmo. TOURNON, A., *Montaigne*, p. 114.

⁴ Michel Beaujour ressalta a originalidade da forma reflexiva do autorretrato a partir da consideração de que parte de uma experiência de vazio e de ausência interior pelo qual se põe sua fórmula operatória própria, que o autor reconhece como uma variante do fim do capítulo 3 do livro X das *Confissões* de Sto Agostinho: “Há muitos porém que querem saber quem eu sou no momento atual em que escrevo as *Confissões*” Sua forma privada, segundo Beaujour responde a uma necessidade interna de definir “quem sou eu no momento em que escrevo esse livro”, distinguindo-se dos desígnios da autobiografia, por exemplo, que podem se exprimir pela fórmula “vou lhes contar sobre meus feitos e minha vida”. BEAUJOUR, M., *Miroirs d'encre*, p. 9.

Mas para tornar mais claro e melhor embasar esse percurso, são necessárias algumas considerações teóricas e metodológicas sobre a leitura dos *Ensaïos*. Sua crítica renovou-se de maneira fundamental quando Jean Yves Pouilloux em seu *Lire les Essais de Montaigne*, publicado em 1969, dirigiu várias objeções a alguns de seus mais célebres comentadores pelo fato de abordarem a obra procurando extirpar dela um sentido dado. Ou, melhor dizendo, esforçando-se por encontrar nos *Ensaïos* uma síntese doutrinal, constituída da formulação das próprias idéias de Montaigne. através da interpretação de determinadas sentenças, passagens e lineamentos, recortados do contexto desordenado em que se inseriam originalmente no livro. De fato, atenta o intérprete, é impossível encontrar nos *Ensaïos* concepções certas e fixas sobre os temas de que trata, pois sobre cada um deles, há várias e diversas concepções que se contradizem, deixando entrever apenas em sua escrita um índice de indecisão⁵. Como atenta Pouilloux: “Esta leitura analógica de que podemos citar inúmeros exemplos repousa sobre a ilusão de que é possível ordenar a desordem, sem antes interrogar a desordem.”⁶

Segundo ele, portanto, tais leituras - não importa o quanto sejam elucidativas - deixam de lado o que importa realmente na abordagem dos *Ensaïos*, ou seja, sua inteligibilidade duvidosa; o caráter imperfeito e inacabado dos modos de suas enunciações. De fato, somente reconhecendo a impossibilidade radical de liberar o texto de suas contradições e a importância central de sua função na obra, de acordo com Pouilloux, é que se torna possível buscar-lhe um sentido.

Ao ler os *Ensaïos*, sublinha ainda o autor, aqueles que se perguntam pelo significado de determinada frase não devem perder de vista que as sentenças se põem no livro como inspiradoras de reflexões diversas, completamente imprevisas, levando a novos sentidos não contidos nelas mesmas. Esse procedimento tem alcance bastante grande, ampliando-se com o hábito de

⁵ Pouilloux acusa esse método, por exemplo, na interpretação de Hugo Friedrich em seu *Montaigne*, que faz dos *Ensaïos* um livro de *sagesse*, desvendando seu sentido a partir da busca pelas razões que teriam levado Montaigne a escrever. Segundo Friedrich, tal como os filósofos morais de seu tempo Montaigne saía em busca da natureza do soberano bem. Mas, como atenta Pouilloux, o que se espera dum moralista é justamente aquilo que é impossível encontrar em Montaigne. De fato, o que definia aquele, nesse contexto, eram algumas sentenças e fórmulas lapidares destinadas à perenidade literária e que indicassem o seu pensamento, afirmando-se como verdades eternas a instruir os homens. Qualificar os *Ensaïos* como um livro de *sagesse* pela leitura de suas sentenças, significa não interrogar o sentido da desordem e da contradição entretecida entre elas na miscelânea do discurso e isolá-las arbitrariamente de seus contextos discursivos para determinar, de maneira inadequada e apressada, um suposto sentido global do livro. POUILLOUX, J. Y., *Lire les Essais de Montaigne*, p. 20.

⁶ Idem., p. 26.

Montaigne de inserir acréscimos aos seus escritos passados, afirmando e atualizando seu intento de situar-se como primeiro leitor e interlocutor de sua obra, a fim de retratar-se segundo sua razão. Tais acréscimos (designados pelas letras A, B e C na edição de Pierre Villey, referentes respectivamente, aos primeiros tempos da escrita dos *Ensaaios* de 1571 a 1580; ao segundo de 1580 até 1588; e ao terceiro de 1588 até 1595) reforçam a impossibilidade de se atribuir sentido unívoco às frases, pois provocam às vezes grandes contradições, e freqüentemente descontinuidades e rupturas no texto, às vezes pouco aparentes, mas que testemunham o arbitrário de um número variado de sentidos e a impossibilidade de discernir aí a evolução linear de uma argumentação, ou a declaração de um ponto de vista próprio.⁷

Desse modo, enfim, conclui Yves Pouilloux a partir dessas considerações, é preciso reconhecer que ele jamais emite opiniões coerentes, mas ao contrário, sempre divergentes⁸. Isso se liga estreitamente, na interpretação do autor, com o problema do ceticismo⁹ que permeia o discurso dos *Ensaaios* e que no célebre capítulo *Apologia de Raymond Sebond* tem sua formulação mais profunda e expressiva. Dessa perspectiva, a crítica cética da razão, levando à *epoché* – a suspensão pirrônica do juízo – e destituindo-a da prerrogativa de conhecer as coisas e a si mesma, restringiria o texto de Montaigne à consciência de sua própria fraqueza e ignorância, limitando-o a uma reflexão de segundo grau sobre o exercício da razão e sobre seus esforços malogrados pelo conhecimento. Dessa perspectiva, Montaigne jamais poderia estar enunciando qualquer espécie de crença ou convicção a título próprio pois isso implicaria contrariar sua postura cética, ou seja, implicaria na confiança nos poderes de suas faculdades e na legitimidade de seus enunciados em sua busca da verdade. Em outras palavras, para Pouilloux nos *Ensaaios* “O único conhecimento possível é, portanto, um saber do conteúdo do saber como um *nada* e não a afirmação de uma posição ou opinião.”¹⁰

⁷ Idem, p. 35.

⁸ Idem, p. 38.

⁹ O tema do ceticismo foi largamente explorado pelos intérpretes dos *Ensaaios*. No quarto capítulo desse trabalho dedicamos um item a esta importante questão, procurando investigar a maneira própria como Montaigne tomava para si os argumentos dessa tradição e o modo como ela se articulava com as motivações da empresa do autorretrato.

¹⁰ BIRCHAL, T. *O eu nos Ensaaios de Montaigne*, p. 89.

Acreditamos ser de fundamental importância para uma leitura mais adequada dos *Ensaïos*, levar em consideração a recomendação do intérprete, da necessidade de interrogar a desordem e a contradição do texto e prevenir-se contra o ato de retirar arbitrariamente suas sentenças e passagens de seus contextos discursivos particulares a fim de deduzir delas a formulação de uma filosofia, supostamente expressiva das idéias de Montaigne e das razões de seus *Ensaïos*. As precauções assinaladas nos levam a tomar como ponto de partida da presente reflexão e como norte de nossa interpretação de *Da glória* o esforço em diferenciar a natureza própria de sua crítica moral das tópicas e sentenças de que se utilizava para enfatizá-la, extraídas das escolas do helenismo e da tradição cristã.

Entretanto, não podemos concordar com a conclusão que Pouilloux tira dessa consideração da desordem e das contradições, definindo o discurso de Montaigne como renúncia à produção de um pensamento, enquadrando prematuramente a obra no que se apresenta, à primeira vista, como puro e simples paradoxo. Isso, de fato, impossibilitaria em princípio a questão que propomos aqui, do exame da posição de Montaigne sobre o elogio renascentista da glória e como esta se vinculava à afirmação dos desígnios particulares de seu autorretrato e contribuía para dar-lhes forma.

Concordamos com André Tournon¹¹, quando observa – opondo-se a Pouilloux – que reduzir os *Ensaïos* à sua função de crítica das tradições é distinguir mal suas perspectivas. A falta de aquisições positivas e a constatação da fraqueza e da ignorância humana não se resolviam para Montaigne na enunciação de um discurso de segundo grau e numa aceitação passiva de si e da ordem desconhecida do mundo. É preciso, como nos mostra Tournon, relacionar seu ceticismo com sua prática do ensaio em sua intenção sempre reafirmada de “regrar” seu pensamento e sua vida conforme o exercício de sua própria razão: essa intenção desautoriza de imediato o entendimento de sua escrita como expressão reiterada do repúdio à razão humana. Ela deixa entrever as linhas de uma filosofia de alcance totalmente novo, fundada na fidelidade a si e no exercício autônomo de suas faculdades intelectuais.

¹¹ TOURNON, A., *Montaigne*, p. 144.

Assim, retomando a ênfase de Pouilloux na abordagem dos *Ensaio*s pelo exame de sua desordem e de suas contradições constitutivas, mas afastando-se de sua conclusões, o intérprete entende sua forma não simplesmente como um conjunto de constatações reiteradas em torno do tema da “fraqueza humana”. Define-a sobretudo como um modo de enunciar opiniões a título de meras reflexões pessoais, sob a consciência plena da contingência de seu pensamento, em sua incapacidade de conhecer a verdade: “(...) ele não dá por caução senão a atitude que nesta exposição se decifra, como marca de um selo, e nela se confirma por reflexão. Pouco ou nada, para as exigências de um pensamento dogmático; tudo, para quem se libertou dele.”¹²

De fato, como se evidencia na epígrafe desse trabalho, extraída do ensaio *Da presunção*, Montaigne assumia as idéias enunciadas no texto como suas, ainda que afirmadas de maneira um tanto imperfeita: “*Je les produisis crues et simples, d’une production hardis et forte, mais un peu trouble et imparfaicte (...)*” e que se utilizasse da autoridade dos antigos para conferir-lhes mais consistência. Conforme enfatiza Tournon:

(...) seu julgamento pronuncia veredictos seguros, teremos a oportunidade de constatar; e nada autoriza-nos a negligenciar este aspecto de sua obra. A redução fenomenológica operada pelo ensaio não diminui o alcance de sua mensagem; ela apenas modifica a caução que lhe dá crédito.¹³

Era, portanto, a franqueza e a boa fé do próprio testemunho que dava crédito às afirmações contidas nos *Ensaio*s. Sua legitimidade não era da pretensão de se atribuírem a condição de verdades doutrinárias mas sim de serem próprias e manifestarem a natureza própria de seu autor. Como Montaigne afirmava no ensaio *Da semelhança dos filhos com os pais*, suas idéias eram tanto mais suas na medida em que não eram passíveis de ter um sentido unívoco e universal mas inspiravam novas considerações e novos “ensaio”s do *jugement*, que se definiam como modo privilegiado de retratar-se: “De resto, não corrijo minhas primeiras idéias com as segundas; (C) na verdade talvez alguma palavra, mas para diversificar, não para retirar. (A) Quero representar o curso de meus humores, e

¹² Idem.

¹³ Idem, p. 116.

que se veja cada parte em seu nascimento.”¹⁴ Os acréscimos que inseria no texto não vinham, portanto, anular suas idéias, mas antes conferir-lhes maior solidez pois através deles ele melhor se apropriava delas, enriquecendo-as e as multiplicando em novos desenvolvimentos.

O que não é possível encontrar na meditação dos *Ensaio*s, desse modo, sublinha Tournon, não é a afirmação de pensamentos, mas sim a ordem serial e linear com que eram comumente enunciados nas obras de seu tempo, nos discursos que se pretendiam portadores de verdades atestadas. A lógica própria à meditação dos *Ensaio*s não é serial mas sim combinatória. A partir dessa avaliação positiva da empresa de Montaigne, em sua originalidade própria, é possível indagar de maneira adequada sobre suas idéias, delineadas no âmbito mesmo da desordem e das contradições do texto: isto é, no modo como ressurgiam de maneiras diversas, solicitadas pelo movimento incessante de sua reflexão, fazendo-se, assim, sempre passíveis de novas abordagens que atestavam seu caráter contingente, como meras opiniões, mas nem por isso menos assumidas: “(...) *le plus fermes imaginations que j`aye, et generalles, sont celles qui, par maniere de dire, nasquirent avec moy. Elles sont naturelles et toutes miennes*”. Como observa Tournon: “O conjunto do livro se organiza numa rede, cujas linhas são desenhadas pelos ressurgimentos a intervalos regulares, das questões de importância maior sobre as quais Montaigne retorna em diferentes épocas.”¹⁵

A crítica moral da glória, segundo acreditamos, é uma dessas questões de grande importância, sobretudo para os capítulos dos primeiros tempos. Vale exemplificar aqui alguns entre muitos modos como Montaigne enunciou sua concepção sobre seu caráter vão e ilusório, pois, como veremos, essas tópicas seriam retomadas no ensaio *Da glória* e exploradas de maneira profunda no interesse da afirmação da dignidade de suas próprias motivações.

No curto capítulo, *De não transmitir sua glória*, escrito provavelmente por volta de 1572, segundo Villey, Montaigne ressaltou a propensão intrínseca do espírito humano aos excessos do orgulho que tornava o desejo de glória uma condição praticamente impossível de ser suprimida. A força dessa ambição era

¹⁴ “Au demeurant, je ne corrige point mes premieres imaginations par les secondes; (C) ouy à l`adventure quelque mot, mais pour diversifier, non pour oster. (A) Je veux représenter le progrez de mes humeurs, et qu on voye chèque piece en sa naissance.” MONTAIGNE, II, 37, p. 758.

¹⁵ TOURNON, A., op. cit., p. 175.

sinal da extrema ignorância dos homens, que em função de suas ilusões de grandeza, deixavam de lado os verdadeiros bens da vida:

De todas as tolices do mundo a mais aceita e mais universal é a preocupação com a reputação e a glória que esposamos a ponto de deixar de lado as riquezas, o descanso, a vida e a saúde, que são bens reais e substanciais, para seguirmos essa vã imagem e essa simples palavra, que não tem corpo nem pregnância.¹⁶

No ensaio *Dos nomes*, também escrito por volta de 1572, tornou a acusar a insensatez humana, atentando para o modo como os homens de seu tempo cultuavam a fama de seus nomes, esforçando-se por acrescentar-lhe novos títulos genealógicos. A crítica da glória aparecia então ligada a denúncia da impotência e do caráter vão das palavras para comprovar a verdadeira nobreza de espírito. Conforme sublinhava, era a celebração pública do renome que a fundava e não a essência da virtude e da excelência: “Sondemos de perto um pouco, e, por Deus, perguntemo-nos em qual fundamento ancoramos essa glória e reputação pela qual o mundo se transtorna.”¹⁷

Mas ele também abordou o tema de um ponto de vista positivo, para expressar sua admiração pela glória dos grandes heróis do mundo antigo, tal como em *Do jovem Catão* e em *Da grandeza romana*, o primeiro escrito pouco depois de 1572, o segundo bem mais tarde, por volta de 1578. Mas a expressão do apreço pela excelência sem par dos homens da Antigüidade não significou um recuo em relação à sua perspectiva negativa, nem tampouco uma contradição que viesse neutralizá-la, ao aproximar mais sua reflexão dos valores celebrados pela tradição humanista. Ao contrário, veio antes precisá-la e enriquecê-la sob uma nova visada, de natureza comparativa, explicitando o modo como se ligava à crítica aos costumes de seu tempo. O elogio da virtude dos antigos, nos *Ensaio*s, propiciava constantemente o destaque dos vícios dos contemporâneos revelando, por contraste, os costumes viciosos e pervertidos do presente. Em *Do Jovem Catão*, por exemplo, Montaigne acusou o falso valor das grandes ações dos homens que lhe cercavam, movidas por suas ambições pessoais e, portanto, por causas alheias ao bem da virtude:

¹⁶ “De toutes les resveries du monde, la plus receüe et plus universelle est le soing de la reputation et de la gloire, que nous espousons jusques à quitter les richesses, le repos, la vie, la santé, qui sont bien effectuels et substantiaux, pour suyvre cette vaine image et cette simple voix qui n’a ny corps ny prise.” MONTAIGNE, I, 41, p. 255.

¹⁷ “Sondons un peu de pres, et, pour Dieu, regardons à quel fondement nous attachons cette gloire et reputation pour laquelle se bouleverse le monde.” Idem, I, 51, p. 279.

Já não se reconhece ação virtuosa: as que apresentam tal aspecto não têm entretanto sua essência, pois o lucro, a glória, o temor, o hábito e tais outras causas alheias nos encaminham para produzi-las. (...) Ora, a virtude só assume aquilo que se faz por ela e para ela apenas.¹⁸

Da grandeza romana, por sua vez, já se iniciou pela declaração de que pretendia tratar de um outro assunto, que era como um reflexo daquele anunciado no título. Seu objetivo, então, não era tanto celebrar a glória dos antigos quanto ressaltar a imensa distância que a separava da vã glória do presente: “Quero dizer apenas uma palavra sobre esse assunto infinito para mostrar a ingenuidade daqueles que comparam com aquela as acanhadas grandezas dos tempos de hoje.”¹⁹

Mas foi em *Da glória* que Montaigne desenvolveu todos esses argumentos, explorando em suas conseqüências éticas e morais as críticas que lançava contra os costumes de seu meio - “*les chetives grandeurs de ce temps*”. No terceiro capítulo de nosso estudo e no próximo que se lhe segue nos propomos a uma interpretação da abordagem crítica desenvolvida neste ensaio, procurando acompanhar o movimento de seu pensamento para que possamos discernir o modo como desembocava no autorretrato de *Da presunção*, propiciando a investigação sobre suas motivações de descrever-se em sua forma “simples, natural e ordinária” nos *Ensaïos*.

Primeiro, como antes dissemos, procuraremos trazer à luz o caráter particular do discurso de Montaigne em relação aos argumentos do helenismo antigo de que se apropriava para ressaltar o caráter vão da glória. Em seguida, no quarto capítulo, nosso esforço é de uma articulação mais sólida entre sua recusa e as razões do autorretrato e de seus procedimentos, a partir de uma análise do texto de abertura dos *Ensaïos*, a *Advertência ao leitor*, em que se declarava de imediato o intento de retratar-se. Mas o ponto que está no cerne desse quarto capítulo e que articula sua discussão é do exame da postura cética de Montaigne e como ela se

¹⁸ “Il ne se recognoit plus d’action vertueuse: celles qui en portent le visage, elles n’en ont pas pourtant son essence, car le profit, la gloire, la crainte, l’accoutumance, nous acheminent à les produire.(...) Or la vertu n’advoe rien que ce qui se fait par elle et pour elle seule.” Idem, I, 37, p. 230.

¹⁹ “Je ne veus dire qu’un mot de cet argument infiny, pour montrer la simplesse de ceux qui appariant à celle là les chetives grandeurs de ce temps.” Idem, II, 24, p. 686.

vinculava à rejeição da glória e ao preceito fundamental de sua sabedoria: da fidelidade à sua própria razão.

No quinto capítulo, interpretaremos o ensaio *Da presunção*, em que procurava provar que sua prática desse preceito de voltar-se para si estava isenta de tal vício. Com efeito, conforme a definia no início do ensaio, a presunção, era outra espécie de glória, impulsionada, entretanto, não pelos aplausos externos do mundo, mas pelos excessos do amor próprio, que faziam com que um homem se considerasse como mais perfeito do que era. Com isso Montaigne reforçava sua profissão de sinceridade, preceito fundamental dos *Ensaaios* como um todo: foi declarando a “*bonne foy*” de seu livro que ele se dirigiu aos seus leitores já na primeira frase da *Advertência*.

Mas nossa leitura será desenvolvida a partir do exame do universo de valores e questões com os quais Montaigne se confrontava para dar forma às suas próprias perspectivas e terá assim como pano de fundo o exame de alguns dos conceitos mais generalizados na cultura clássica e humanista.

Como atenta Pierre Villey²⁰, o tema de *Da glória* pode ter sido sugerido por uma passagem do prefácio do *Méthode de l'histoire* de Jean Bodin, que para declarar a utilidade moral da historiografia reforçava a tradição clássica de culto à glória como imagem da virtude exemplar dos grandes homens. Bodin retomava, então, a tradição clássica da *história mestra da vida - historia magistra vitae*²¹, destacando sua dignidade como uma exortação à virtude, por incitar os homens do presente a imitar esses célebres exemplos, estimulando-os assim a também cumprir feitos heróicos nas guerras e evitar o vício em todas as circunstâncias.

Não pretendemos aqui, com essa menção ao *Méthode* de Bodin, comprovar ou não a validade dessa hipótese sustentada por Villey mas sim atestar o quanto permanecia viva na França de meados do século XVI essa concepção positiva das ambições de glória que remontava à reflexão moral e política dos

²⁰ Segundo Pierre Villey, *Da glória* foi escrito em sua maior parte por volta de 1578, à época em que Montaigne lia o *Méthode de l'histoire* de Bodin, mas reconhece, entretanto, o caráter incerto dessa interpretação acerca da gênese do ensaio. De todo modo enfatiza a grande probabilidade de sua influência ao tempo em que escrevia o ensaio, apontando para um empréstimo na parte final de *Da glória* extraído diretamente do *Méthode*. Trata-se da passagem em que Montaigne nos fala do desejo insaciável de fama de Trogo Pompeius e de Mânlio Capitolino, que a ambicionavam a qualquer preço, fosse boa ou má (p. 626). VILLEY, P. *Sources et Evolution des Essais de Montaigne*, p. 382.

²¹ Essa tradição da *historia magistra vitae* remonta ao pensamento de Cícero, conforme examinaremos no nosso quarto capítulo, sendo retomada intensamente pelos autores italianos dos séculos XV e XVI, de Colluccio Salutati a Maquiavel.

primeiros humanistas italianos. Como veremos, a crítica de Montaigne ao elogio da glória também esteve impregnada da consciência acerca de sua estreita ligação com o domínio da linguagem e com a exaltação de suas prerrogativas morais na cultura humanista. Ao abordar a glória, o autor dos *Ensaio*s também passou ao tema da utilidade moral da história, questionando-lhe tais poderes de funcionar como impulso da virtude, opondo-se assim a uma das proposições mais difundidas na época. Antes de passarmos ao exame de *Da glória* e de *Da presunção*, portanto, dedicamos o capítulo que se segue a uma caracterização geral dos significados e das formas diversas sob os quais esse conceito da glória surgiu desde a tradição grega mais arcaica até o Renascimento, sem perder de vista o modo como ligou-se desde seus primórdios à valorização da história e da dinâmica dos negócios humanos. Depois disso cabe nos voltar mais propriamente para o exame dos valores inerentes ao seu elogio na cultura humanista, situando o tema no âmbito mais profundo de sua filosofia moral, centrada no ideal da *dignidade humana*, com que o humanismo se impôs entre os séculos XIV e XV contra a ética cristã agostiniana pautada na miséria do homem.

Mas, com efeito, conforme veremos, essa afirmação da idéia da glória como expressão da virtude na literatura do Renascimento, se estabeleceu sempre sob a consideração dos argumentos críticos ligados ao tema, que penetraram de maneira profunda a cultura do ocidente através da tradição filosófica dos antigos e da ética cristã agostiniana que dominou os séculos da Idade Média. Assim, para que não percamos de vista as complexidades ligadas ao tema, concluiremos o capítulo que se segue detendo-nos na apresentação da forma ambígua que esse elogio assumiu freqüentemente nas obras da época de uma maneira geral. A oscilação de significados, entre uma acepção negativa e outra positiva também esteve presente em *Da glória*, mas o tratamento de Montaigne sobre o tema e de suas considerações diversas não se ligou à valorização da ação criativa do homem e de seu poder de intervenção sobre a ordem do mundo, tal como ocorreu, de diversas formas, entre os autores da Renascença.